

AS DANÇAS DO NORDESTE BRASILEIRO NOS MUSEUS SOBRE LUIZ GONZAGA “O REI DO BAIÃO”

Carla Almeida

Departamento de Educação Física, Faculdade de Formação de Professores de
Serra Talhada, Autarquia Educacional de Serra Talhada, Brasil

Bruno Abrahão

Departamento de Educação Física, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Francisco Caldas

Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Brasil

RESUMO

De que maneira os museus enquanto lugares da memória de Luiz Gonzaga representam sua participação no processo de mediação cultural das danças regionais – xote, xaxado e baião – para o restante do país? A fim de responder a esta questão, nosso objetivo foi analisar o papel dos museus que tematizam a biografia de Luiz Gonzaga como instrumento de preservação histórica das danças do Sertão do Nordeste brasileiro. Para tanto, tomamos como conteúdo cinco matérias, oito fotos, um filme e uma letra musical encontradas em três museus nas cidades de Exu, Serra Talhada e Recife no estado do Pernambuco – Brasil. Além das fontes documentais, valemo-nos da entrevista semiestruturada para captar a visão dos dirigentes dos museus. Concluímos que as matérias sobre Luiz Gonzaga nas fontes documentais cumprem a função pedagógica do ensino destas danças através de suas ações de preservação, contribuindo para o processo de expansão das danças regionais no resto do país.

PALAVRAS-CHAVE

danças; Luiz Gonzaga; memória; museus

THE NORTHEASTERN BRAZILIAN DANCES IN THE MUSEUMS ABOUT LUIZ GONZAGA “THE KING OF BAIÃO”

ABSTRACT

How do museums as places of memory of Luiz Gonzaga represent his participation in the cultural mediation process of regional dances – *xote*, *xaxado* and *baião* – for the rest of the country? In order to answer this question, our goal was to analyze the role of museums that focus on Luiz Gonzaga's biography as an instrument for the historical preservation of the dances of the Brazilian Northeast backwoods. For that, we examined five articles, eight photos, a film and a musical lyric found in three museums in the cities of Exu, Serra Talhada and Recife in the state of Pernambuco – Brazil. In addition to the documentary sources, we used the semi-structured interviews to capture the vision of museum leaders. We conclude that the articles about Luiz Gonzaga in the documentary sources fulfill the pedagogical function of teaching these dances through their preservation actions, contributing to the process of expanding regional dances to the rest of the country.

KEYWORDS

dances; Luiz Gonzaga; memory; museums

INTRODUÇÃO

A dança assumiu um papel particular nas sociedades no decorrer do tempo por diversos fatores sejam eles espirituais, recreativos, ritualísticos, teatrais e/ou culturais. Sendo uma criação histórica cultural humana, ela se torna elemento integrante do cotidiano dos indivíduos em sociedade. Logo, faz parte das práticas corporais da humanidade como um produto cultural dos diferentes países, dentre os quais o Brasil e suas danças merecem especial atenção. Em função da sua grande diversidade cultural, consequência da miscigenação de hábitos e costumes europeus, africanos e indígenas, proporcionou uma riqueza de ritmos e danças que caracterizam suas diferentes regiões. A cultura do Nordeste brasileiro é caracterizada por manifestações da denominada cultura popular: maracatu, reisado, frevo, literatura de cordel, xilogravuras, entre outros (Bernardes, 2007).

A cultura popular nordestina brasileira é marcada pela expressividade dos seus ritmos. As danças reproduzem a história do povo por meio da reprodução e renovação dos sentidos e significados do dançar expressos pelos diferentes grupos e sujeitos. Esse contingente cultural influenciou diretamente na elaboração das danças, uma vez que, a mesma se caracteriza pela representatividade das ações ocorridas no cotidiano e as sensações que elas despertam no corpo do indivíduo dançante. Observamos assim que “a dança acompanha nossas vidas de diferentes formas, em diferentes épocas e com diferentes sentidos; podemos vê-la pelos diversos cantos do mundo” (Brasileiro, 2010, p. 137).

Como toda prática cultural, a dança também se caracteriza pela transmissão de conhecimentos e saberes de indivíduo para indivíduo que ocorre de modo formal ou mesmo informal, intencional ou não intencional, de um ser para outro, numa reprodução constante de cultura que perpassa as gerações (Libâneo, 2013). Nesse quesito, a história é contada por diferentes fontes e nos fornece personagens que atuam ativamente no processo de transmissão e difusão cultural.

No Nordeste, vários foram os intérpretes do enredo que narram a história e a peculiaridade da cultura nordestina, e dentre estas figuras destaca-se um personagem em particular que se debruçou sobre esta cultura no sentido de enriquecê-la e difundi-la pelo país, tendo divulgado a região, bem como os seus costumes, fatos, crenças e ritmos, atualmente conhecidos e praticados nacionalmente. Trata-se da figura do compositor e cantor Luiz Gonzaga, “rei do baião”, o qual dedicou sua obra inteiramente ao conhecimento e divulgação da realidade sertaneja Brasil afora. Retratou o Nordeste brasileiro em suas músicas, influenciado pelos vaqueiros e cangaço, de onde criou a indumentária típica das suas apresentações. As letras de suas músicas não são apenas melodias, vão além, nelas contém histórias reais do cotidiano. Fatos vividos, a fé, os costumes e, sobretudo a alegria desse povo são intrínsecas às suas canções “como se dissesse em suas melodias o clamor de sua própria gente” (Arlégo, 2012, p. 17).

De que maneira os museus enquanto lugares da memória de Luiz Gonzaga representam a sua participação no processo de mediação cultural das danças regionais – xote, xaxado e baião – para o resto do país? A fim de responder a esta questão, nosso objetivo foi analisar o papel dos museus que tematizaram a biografia de Luiz Gonzaga como instrumento de preservação histórica das danças do sertão do Nordeste brasileiro.

Fazendo uma breve apresentação do Luiz Gonzaga do Nascimento, importa referir que era assim chamado por três motivos: Luiz, por ter nascido no dia dedicado a Santa Luzia, Gonzaga por ser o santo de devoção, São Luiz Gonzaga, ambos compõem a cultura religiosa do Nordeste, e Nascimento, por ser o mês de nascimento de Jesus Cristo. Assim batizado, não tinha como não ser uma criatura abençoada na vida (Dreyfus, 2012). Filho de Ana Batista de Jesus – Dona Santana e Seu Januário dos Santos, de parto natural, “nascido na fazenda Caiçara, em 13 de dezembro de 1912, e batizado na matriz de Exu no dia 5 de janeiro de 1913” (Dreyfus, 2012, p. 31).

A respeito dos museus, inferimos que a humanidade no decorrer da sua existência buscou resguardar e representar os fatos e fenômenos do cotidiano através de diversos mecanismos como pinturas rupestres, documentos, imagens, esculturas, fotografias, entre outros. Os museus surgem numa tentativa de preservação e transmissão dos costumes, da história, das artes, para as gerações futuras numa busca constante de resguardar da memória de um determinado povo ou nação, a partir dos materiais deixados pelos seres que viveram em determinadas épocas.

Segundo os estatutos do Icom (International Council of Museums) (2009)¹, define-se museu como instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, aberta ao público, que coleta e preserva o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio com fins de educação, estudo e deleite. Pinto (2013) entende estas instituições como lugares de memória que guardam resquícios do passado e deixam sua marca no sentido de perpetuar a memória viva dos personagens históricos e da memória coletiva que trazem seletivamente a lembrança que a sociedade quer guardar. Esses elementos podem compor-se de arquitetura, paisagens, personagens, costumes, música, folclore e gastronomia (Pollak, 1989).

Pollak (1989) trata de memórias e esquecimentos construídos entre aquilo que se deseja lembrar e aquilo que se quer esquecer, pelas inclinações da sua utilização por diferentes grupos sociais. Vemos aí a necessidade da reflexão sobre as vertentes históricas reproduzidas ao longo da vivência humana, vistas e contadas por olhos que tinham credibilidade social para divulgar, ficando as visões subalternas fadadas ao esquecimento. Os silêncios também devem ser analisados, partindo do pressuposto de qual critério foi imposto para tal esquecimento, “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (Pollak, 1989, p. 4).

Na direção destas reflexões, Pimentel ressalta as relações entre memória e História, considerando que o estudo histórico provoca o exercício da memória. Todavia, é um processo contraditório, “pois tanto seleciona e transforma experiências anteriores para

¹ Ver <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Estatuto-ICOM-BR.pdf>

se ajustarem a novos usos, como pratica o esquecimento, a única forma de dar lugar ao presente” (Pimentel, 2013).

Sarlo (2007) reflete que a memória nos tempos atuais se torna um direito assegurado por leis, que a memória é um dever do Estado, uma necessidade moral, jurídica e política emergente da sociedade. Neste sentido, “no Brasil, a lei nº8.159 de 8 de janeiro de 1991 aponta que é dever do poder público zelar pela gestão documental, bem como pela proteção especial a documentos e arquivos” (Melo, Drumond, Fortes & Santos, 2013, p. 147). Esses materiais de acesso à história necessitavam de locais para seu resguardo, para que se tornassem fontes de pesquisa sobre a memória de determinado povo. Locais estes denominados de arquivos e/ou museus. Dessa maneira entendemos arquivos como “depósitos de materiais previamente selecionados, a partir de critérios parciais que variam de acordo com o tempo e o espaço” (Melo et al., 2013, p. 148).

Nora (1984) argumenta que a memória significa tudo que evoca o que passou, assegurando sua permanência ressignificada no presente. Desta forma, a memória encontra-se em múltiplos lugares, os “lugares da memória”. Com o tempo foi sendo necessário se pensar na elaboração de espaços onde estes documentos estivessem guardados para assegurar à posteridade o conhecimento dos elementos vividos noutras épocas por outros povos. Para Pinto (2013, p. 90), “o museu pode ser a lembrança de gente deixada pelo objeto, ou lembranças que incitam a busca de outras histórias: história de pessoas, história de lugares. Museu ‘lugar de memória’”.

O século XX provocou mudanças significativas nos museus enquanto espaços sociais, agora imersos numa sociedade cada vez mais diversa e conflitante. A partir da década de 1980, constituíram-se em espaços de resistência, ao desenvolverem atividades que procuravam superar as mazelas socioeconômicas e políticas do passado, como por exemplo, aquelas deixadas pelo colonialismo (Russi & Abreu, 2019). Estes movimentos trouxeram mudanças para o campo museológico, como o tema das diferenças culturais e das diferentes formas de apropriação pelos museus, das produções culturais de uma sociedade plural e multicultural (Bhabha, 1998).

Os museus passaram a investir em ações que dessem voz e espaço a populações periféricas e invisibilizadas dos centros urbanos e áreas rurais. Mais que nunca, os museus assumem a função da comunicação com seus visitantes; histórias são reveladas a partir de objetos e demais artefatos (Lança, 2020). No nosso caso, um personagem rural do Sertão nordestino da cidade de Exu (Pernambuco), Brasil.

Como exemplo, citamos os museus de arte, museus arqueológicos, museus culturais, museus históricos, museus científicos. Todos com um objetivo em comum que é a preservação histórica da memória de um povo ou nação, seus acontecimentos, costumes, cultura e diferentes personagens. Dentre estes, uma categoria nos interessa como objeto de pesquisa, se trata dos museus que resguardam a memória do personagem central desta pesquisa – Luiz Gonzaga – no estado de Pernambuco, seu estado natal. Esses museus retratam a história dessa figura em seus diferentes aspectos (musical, político, pessoal, artístico), porém esta análise será feita a partir do objeto que nos atém, que são as danças regionais.

Nosso olhar se direcionará para o que se tem retratado sobre as danças regionais que elencamos – xote, xaxado e baião – e as contribuições de Gonzaga. Na tentativa de esclarecer o papel dos museus pernambucanos na preservação histórica das danças regionais difundidas por Luiz Gonzaga, buscamos resgatar através destes materiais as representações sobre as danças e a contribuição deste para o seu processo de difusão. Destarte, visitamos os museus, analisamos criteriosamente o material fornecido por seus dirigentes e retiramos as informações pertinentes a serem tratadas e abordadas nesse contexto. Iniciamos com uma discussão teórica acerca da relevância da preservação histórica por meio dos recursos usados como base para arquivos da história cultural do país, elucidamos os estudos históricos para compreensão dos fenômenos sociais e suas ferramentas para o auxílio na compreensão do objeto estudado.

MÉTODO

As fontes para estes estudos são os seguintes museus: Museu do Gonzagão², pertencente à ONG (organização não governamental) Parque Aza Branca, em Exu (Pernambuco), Memorial Luiz Gonzaga³, em Recife (Pernambuco), subsidiado pelo Governo do Estado, e o Museu do Cangaço⁴, pertencente à Fundação Cultural Cabras de Lampião em Serra Talhada (Pernambuco). Os referidos materiais foram recolhidos e analisados no período de fevereiro a junho de 2018.

No Museu do Gonzagão encontramos uma reportagem jornalística, também presente no acervo do Memorial Luiz Gonzaga. Neste museu, o Memorial Luiz Gonzaga, encontramos o maior número de materiais para análise, a saber: um arquivo digital com o filme *Hoje o galo sou eu*, duas reportagens jornalísticas, duas fotografias e uma fotografia de reportagem jornalística. O Museu do Cangaço nos forneceu duas fotografias. Os materiais recolhidos encontram-se descritos na Tabela 1.

² No museu do Gonzagão, situado na cidade natal de Gonzaga – Exu (Pernambuco) – inaugurado em 13 de dezembro de 1989, as etiquetas dos materiais são baseadas em declarações pessoais de Gonzaga, da esposa Helena e biografias sobre o assunto, principalmente em *O sanfoneiro do riacho da Brígida* de Sival de Sá. Tem como meta principal trabalhar obstinadamente, pela conservação, preservação e divulgação do Parque Aza Branca – Museu do Gonzagão, seu pequeno mundo, seu legado, que foi por ele idealizado e construído, para deixar como herança. Ver www.parqueazabranca.com.br

³ Equipamento da Fundação de Cultura da Cidade do Recife inaugurado no dia 2 de agosto de 2008, com objetivo pesquisar, preservar e difundir a memória de Luiz Gonzaga e da cultura nordestina. Localizado no Pátio de São Pedro – Recife – o Memorial abre as portas para visita ao acervo da exposição permanente, composto por biografia, ponto de consulta ao acervo digital, discos, fotos, livros, instrumentos musicais, exibição de filmes e documentários, além de objetos típicos da cultura sertaneja, harmonizados em projeto expositivo. No pavimento superior, funciona a sala de trabalho, onde os interessados podem agendar visita para pesquisa no vasto acervo. Ver www.recife.pe.gov/mlg

⁴ Com trabalhos reconhecidos no Brasil e exterior, a Fundação Cultural Cabras de Lampião, fundada em 1995 em Serra Talhada (Pernambuco), vem desenvolvendo, ao longo dos anos, ações concernentes aos múltiplos aspectos culturais do homem sertanejo, tornando-se especialista em historiografia do cangaço, na figura de Lampião; na dança do xaxado e na musicalidade. A Fundação Cultural Cabras de Lampião é de personalidade jurídica, sem fins lucrativos e de finalidade cultural. Tornou-se Ponto de Cultura Artes do Cangaço em 2008. Ver www.cabrasdelampiao.com.br

LOCAL	MATERIAL	OBSERVAÇÕES
Memorial Luiz Gonzaga	Discografia	Gonzaga/parceiros/seguidores
Encartes jornalísticos	Cinco volumes digitalizados do Museu do Gonzagão Seis volumes recorte original doados da coleção de Mávio Fonseca de Holanda	
Bibliografia básica		
Trabalhos acadêmicos	Elaborados em parceria com o Memorial	
Acervo digital (imagens/vídeos)		
Materiais de exposição		
Museu do Cangaço	Encartes jornalísticos	Duas pastas
Bibliografia básica	Três estantes	
Trabalhos acadêmicos		
Materiais de exposição		
Videoteca		
Cordelteca		
Museu do Gonzagão	Fotografias originais	Três pastas
Encartes jornalísticos	Cinco volumes	
Discos		
Bibliografia básica		
	Partituras	

Tabela 1: Materiais dispostos nos museus

A análise destes documentos seguiu os preceitos da análise documental-iconográfica dos materiais arquivados, sejam recortes jornalísticos, fotografias, imagens digitalizadas, vídeos e discos originais. Para Padilha, Bellaguarda, Nelson, Maia e Costa (2017, p. 3), dentre as fontes da pesquisa documental, “incluem-se o texto escrito manual, jornalístico, artigos científicos, atas, teses e dissertações, dentre outros. Como fontes iconográficas normalmente incluem-se as fotografias, filmes, roupas e outros artefatos de momentos e pessoas históricas”.

Padilha et al. (2017) reiteram que a análise do material nas pesquisas históricas tem a documentação como método quando é universo de informações historiográficas, usando técnicas de coleta, observação e tratamento das informações, para tornar os fatos em dados analisáveis. Para ampliar as informações provenientes da documentação-iconográfica, nos valem também das compreensões dos dirigentes dos museus, coletadas a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas durante as visitas. Por entendermos que “a entrevista é mais adaptável. As perguntas podem ser reformuladas, e pode-se buscar esclarecimento por meio de questões subsequentes” (Thomas, Nelson & Silverman, 2012, p. 306).

A identidade dos entrevistados pôde ser revelada mediante consentimento do Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco⁵ e devida autorização do mesmo.

⁵ A execução da pesquisa está registrada no sistema CEP/CONEP com o CAAE 64258417.7.0000.5196.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: AS DANÇAS NOS MUSEUS E A VISÃO DOS DIRIGENTES

Apontaremos o que há de representativo sobre as danças regionais encontradas nos museus supracitados. Representa a atuação de Gonzaga no contexto das danças.

XAXADO

O xaxado é uma das danças de maior expressão na carreira de Gonzaga, visto a aceitação do público por todo o Brasil. Percebemos a participação de Gonzaga nesse contexto a partir de registros jornalísticos encontrados nos arquivos dos museus. A revista *Cruzeiro* em 14 de junho de 1952 lança uma matéria intitulada “Nasce o Xaxá”, nesta aparece Gonzaga claramente ensinando moças a dançarem o xaxado:

Luís Gonzaga, o “Rei do Baião”, acaba de lançar uma nova dança – Inspirou-se nos bailes realizados nas caatingas pelos cangaceiros de Lampião – As Garôtas da TV – Tupi ficaram empolgadas com o ritmo – Brevemente, Luís Gonzaga lançará a sensacional novidade através da Tupi e da Tamoio – Todo mundo vai “xaxear”. (Nasce o Xaxá, 1952)

Nessa reportagem, publicada na revista *O Cruzeiro*, a 14 de junho de 1952, que se encontra no acervo do Museu do Gonzagão e do Memorial Luiz Gonzaga, há um fragmento que diz: “e da sanfona do baião nasceu o novo ritmo. Luis Gonzaga, cantor do nordeste, trouxe para a manhã de sol carioca a poesia agreste das caatingas” (Nasce o Xaxá, 1952). Se atribui a criação do ritmo a Gonzaga, por se tornar conhecido através dele.



Figura 1: Gonzaga ensinando mulheres a “xaxear”

Fonte: Museu do Gonzagão e Memorial Luiz Gonzaga / Nasce o Xaxá, 1952

Na Figura 2 percebemos claramente Gonzaga com sua sanfona ensinando mulheres a praticarem o xaxado. A revista descreve o passo a passo da dança através do roteiro relatado e das imagens dos pés dançantes, observamos que consiste basicamente na elevação frontal do joelho e a pisada firme dos pés no chão em movimentos repetitivos no ritmo da música. Dessa forma percebemos a participação efetiva de Gonzaga junto nessa dança, uma vez que o mesmo, através de sua sanfona toca o ritmo e, por meio de sua representação, demonstra os passos a serem executados na dança. Encontramos uma das imagens da reportagem supracitada nos arquivos digitais do Memorial Luiz Gonzaga, tendo percebido de forma mais clara que Gonzaga toca e dança ensinando os passos do xaxado a essas mulheres, que pareciam interessadas no novo ritmo.



Figura 2: Gonzaga toca enquanto ensina mulheres a xaxar

Fonte: Acervo digital do Memorial Luiz Gonzaga

Nos arquivos digitais e vídeos do Memorial Luiz Gonzaga encontramos a gravação de um filme que retrata Gonzaga e seu trio dançando o xaxado e tocando a música “Olha a pisada” Gonzaga e Zé Dantas (1954, RCA Victor/78 RPM, faixa 01-lado A). O filme é intitulado *Hoje o galo sou eu* (Carvalho, 1957) e foi lançado a 23 de fevereiro de 1957, tem a duração de uma hora e 32 minutos. A direção foi de Aloísio T. de Carvalho, e é caracterizado como gênero comédia.

No Museu do Cangaço encontramos na exposição permanente a representação de cangaceiros do bando de Lampião e Maria Bonita dançando o xaxado armados, pois, tinham que estar à espreita para qualquer ação da volante – forças policiais que atuavam na repressão às lutas empreendidas pelos cangaceiros. Essa representação confirma a tese de que o xaxado como dança surge mesmo antes de Gonzaga se “apossar” do ritmo e inserir elementos.

A imagem abaixo representa os cangaceiros de Lampião dançando xaxado acompanhados de suas parceiras e armamentos, com a seguinte descrição; “mesmo dançando,

em momento algum os cangaceiros separavam-se dos seus equipamentos”. Da esquerda pra direita: Durvinha e Antônio Moreno, Nenê de Luiz Pedro e Barra Nova.



Figura 3: Cangaceiros dançando xaxado

Fonte: Exposição permanente do Museu do Cangaço

Mesmo antes de Gonzaga, a prática do xaxado já existia, não como dança propriamente dita, mas com seu caráter guerreiro e recreativo. Gonzaga ao incorporar o ritmo ao seu repertório, insere música aos movimentos executados. Assim, nos convencemos que Gonzaga, embora não tenha sido o criador do xaxado, foi responsável por difundir-lo. Noutra imagem aparecem os cangaceiros em fila indiana, a descrição da imagem diz: “as marcas no chão eram apagadas pelo último da fila, dificultando o trabalho dos rastejadores” (exposição permanente do Museu do Cangaço). A afirmação refere-se ao movimento de xaxar o chão para apagar as pegadas deixadas, daí entendemos que o surgimento do passo básico do xaxado advém dessa prática, tornando a sua origem associada ao Cangaço.

Gonzaga, nascido na época do reinado do cangaço, admirava Lampião por sua valentia e destemor: “admirava os valentes, os cangaceiros. Lampião, nem se fala” (Sá, 1978, p. 25). Esta influência gerou em si o desejo de lutar pela sua gente, utilizando sua arte como ferramenta, “admirava Lampião, porque via nele a expressão da luta contra as injustiças sociais vividas pelo povo” (Arlégo, 2012, p. 28). Observamos a riqueza desse fenômeno como prática social revolucionária na luta contra as desigualdades da época, e como líder, Lampião torna-se figura de destaque nesse movimento, admirado por uns e odiado por outros.

O cangaço foi caracterizado por ser um movimento de resistência que marcou a história brasileira, como um fenômeno social e histórico que se instalou no Sertão nordestino pelo fim do século XIX até meados do século XX, abrangendo a área de sete estados nordestinos (Silva, 2009). Assim, o xaxado emerge dessa realidade como uma resignificação do cangaço. No ato de dançar, rememora-se esse movimento de resistência.

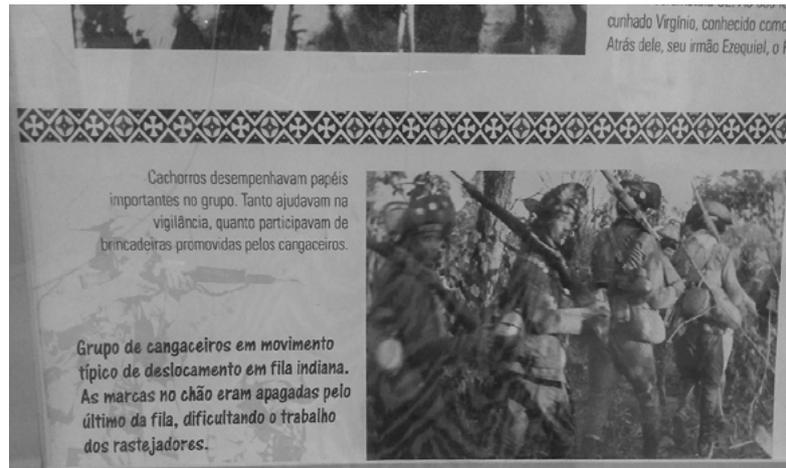


Figura 4: Cangaceiros em fila, “xaxando o chão” para despistar a volante

Fonte: Exposição permanente do Museu do Cangaço

BAIÃO

O baião se popularizou com Gonzaga, embora se comente que sua origem se perde no tempo. Luiz Gonzaga foi responsável por disseminar o ritmo por onde passou. Através de suas músicas reproduzia os passos, demonstrando à plateia a forma de dançar. O papel de Luiz Gonzaga fora, sobretudo, de apresentar esse ritmo ao país. Sobre o baião, em entrevista ao *Jornal da Cidade* – veículo de comunicação da cidade do Recife-PE –, intitulada “Como criei o baião”, Gonzaga declara:

o baião já existia no Nordeste antes, com esse nome. Eu tirei justamente do bojo da viola onde o cantador faz o tempêro para o improvisado, para o repente. Ele costuma cantar fazendo ritmo no bojo da viola e o dedão vai comendo nos cordões. Eu peguei essa batida, criei um jogo melódico e Humberto Teixeira botou a letra. (Como criei o baião, 1975)

Embora seja considerado ícone desse ritmo, a ponto de receber a alcunha de “rei do baião” declara que sua criação não partiu do nada, mas fora fortemente influenciado pelos cantadores de versos improvisados. Apresentamos a reportagem do *Diário de Pernambuco* que aborda esta questão.



Figura 5: Gonzaga e Zédantas, “criadores” do baião
Fonte: Diário de Pernambuco de 08 de agosto de 1988

Nessa reportagem do *Diário de Pernambuco*, de 8 de agosto de 1988, percebemos que é atrelada a origem do ritmo a Gonzaga e seu parceiro. O enunciado da reportagem delata: “da união de Zédantas com Luiz Gonzaga, a discografia da música popular nordestina foi enriquecida de antológicas produções” (Encontro musical cria baião dos dois: Zédantas e Gonzagão, 1988). Embora outras fontes e até mesmo o próprio Gonzaga na sua autobiografia *O sanfoneiro do riacho da Brígida* (Sá, 1978) afirmem que o baião já existia, a reportagem enfatiza o protagonismo dos personagens na disseminação desse ritmo.

Numa reportagem do *Diário de Pernambuco*, de 7 de agosto de 1999, o enunciado reitera “a obra do músico que ensinou aos brasileiros como se dança o baião” (A obra do músico que ensinou os brasileiros como se dança o baião, 1999). Visto a data da publicação podemos perceber que mesmo depois de sua morte Gonzaga continua influenciando as gerações na prática do baião.



Figura 6: Gonzaga dançando baião com Marinês
Fonte: Acervo digital do Memorial Luiz Gonzaga

Nessa foto observamos o trio de Gonzaga tocando, enquanto ele dança o baião com a sua amiga e também cantora Marinês. Percebemos claramente que se trata do baião uma vez que os corpos estão distantes e pelo movimento acelerado dos pés na direção frontal (anterior e posterior) do corpo. Esse fato acontecia frequentemente em suas apresentações, pois Gonzaga prezava por ensinar os passos do ritmo ao público.



Figura 7: Baião no exterior

Fonte: Coleção Mávio Holanda, disponível no Memorial Luiz Gonzaga

A reportagem indica que Gonzaga, para além dos fatos citados, ainda contribuiu para que o baião rompesse as fronteiras do país, sendo apresentado até mesmo no exterior. Vemos assim que o baião tomou proporções inimagináveis até aos olhos do próprio Gonzaga.

XOTE

O xote é uma das obras mais significantes na carreira de Gonzaga, de ritmo mais lento e cadenciado era uma das mais pedidas nos *shows*, uma vez que era a oportunidade que os jovens encontravam para dançar juntos, corpo a corpo. Sobre a origem do xote podemos destacar a partir da reportagem abaixo:

o xote veio do estrangeiro. Então, lá no sertão nós criamos o xote malandro, xote pé de serra, xote de forró, de dança de matuto que não é mais do estilo escocês. É um xote mesmo nosso porque ele tem uma jogada completamente diferente e tem as letras jocosas como: “vem cá cintura fina”, ele conta sempre uma letra bonita ou então uma história jocosa humorística. (*Jornal da Cidade*, 1975)



Figura 8: Família Gonzaga na fazenda Araripe em 1951

Fonte: Acervo digital do Memorial Luiz Gonzaga

A foto acima representa a família Gonzaga num momento de descontração enquanto os casais dançam o xote tocado por Santana e Januário na palhoça do povoado do Araripe em Exu (Pernambuco). Identificamos que se trata do ritmo pelo aproximar dos corpos e o pegar das mãos próximo ao corpo, além da direção lateral dos pés. Embora o xote fosse destaque nas apresentações durante a carreira de Gonzaga, os museus resguardam pouco sobre sua prática. Desse modo a discussão sobre o ritmo não se deu como desejado. Os dados recolhidos remetem à musicalidade e não à dança, propriamente dita.

VISÃO DOS DIRIGENTES

Analisaremos o relato dos dirigentes dos museus quanto à preservação cultural das danças e sua atuação nesse quesito. As entrevistas foram analisadas e retiramos os fragmentos das falas que remetem à preservação cultural realizada no trabalho cotidiano dos museus, proporcionando uma discussão sobre os reais objetivos e efetivação desse trabalho. Os dirigentes entrevistados foram Cleonice Maria, presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião e dirigente do Museu do Cangaço de Serra Talhada (Pernambuco); José Mauro de Alencar Júnior, dirigente do Memorial Luiz Gonzaga – Recife (Pernambuco); Clemilce Cardoso Parente – dirigente da ONG Parque Aza Branca – Museu do Gonzagão – Exu (Pernambuco).

LEGADO CULTURAL

Questionamos os dirigentes a respeito do que se considera legado e a necessidade de preservação e perpetuação do legado de Gonzaga para as gerações futuras. A entrevista apresenta o seguinte questionamento: o que você considera como legado? Qual o legado deixado por Luiz Gonzaga para as danças?

A diversidade de temas. Tudo isso, é... vai calçar o grande legado deixado por Luiz Gonzaga, e por último eu posso citar um exército de artistas que Gonzaga criou né? (...) Porque um homem que tem um legado desse, que teve a visão, a dedicação que ele teve, a cultura não se acaba, não se acaba nunca. Isso aí é artista pra daqui a mil anos o Brasil tá contemplando ele por aí, e batendo palmas. (José Mauro)

Reitera: “o que ele fez de legado aí foi pra três vidas, digo eu. Eu sempre disse isso. Eu digo: uma pessoa que vivesse trezentos anos talvez fizesse o que ele fez!” (José Mauro). O entrevistado reprisa fatos da importância de Gonzaga na cultura nordestina, mostrando que seu legado se estende além do comum e reencontra o rei tanto em suas músicas, como nas músicas de outros artistas, alguns inclusive, “criados” por ele (Gonzaga) e nas suas características pessoais, todas relacionadas com o Nordeste,

foi por isso que ele sempre foi marcado como um cara do Sertão, um cara do gibão⁶ e do chapéu de cangaceiro, mas ele pra mim, ele é um grande artista universal e o legado dele é completamente universal. (José Mauro)

Corroborando da mesma ideia, a dirigente da Parque Aza Branca reforça: “mas o legado de Luiz Gonzaga é inconfundível: a música, a dança, e todos os ritmos de Luiz Gonzaga” (Clemilce Cardoso). “Sem nenhum bairrismo, eu acho que Luiz Gonzaga é assim o rei do forró realmente, que esse legado não vai morrer nunca, que todas as gerações vêm aprendendo e vêm levando adiante” (Clemilce Cardoso).

O principal legado de Gonzaga, segundo a entrevistada, é ter nascido no sertão, viajado o mundo e não ter perdido a identidade sertaneja, nordestina, além de que “é um legado que nunca irá morrer” e são as atuais e futuras gerações que têm o dever de levá-lo adiante.

Ambos entrevistados concordam que o legado de Gonzaga é de grande expressão em cenário nacional e que será perpetuado por longa data. Sua obra será lembrada a partir da divulgação que ainda está sendo realizada por entidades como os museus visitados.

PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

Partindo do pressuposto da necessidade da preservação da história, os museus se configuram como locais de perpetuação dessa memória. Dessa forma, questionamos: qual o papel do museu na preservação da história de Luiz Gonzaga? A dirigente da Fundação Cultural Cabras de Lampião entende que “preservar essas... essas vertentes culturais é a gente preservar a história como um todo, né?” (Cleonice Maria).

Porque eu vou saber dizer qual é o nosso papel, enquanto entidade privada, que está fazendo a preservação de uma memória importante pra o nosso

⁶ Vestimenta de couro utilizada pelos vaqueiros na tentativa de proteger o tórax.

país e que a gente a trancos e barrancos mantém um... um museu aberto todos os dias pra população vir visitar, pra vim conhecer, pra vir ter aulas aqui dentro, que é o que a gente faz... (...) a partir do momento que aqui a gente, preserva a história do cangaço, do xaxado, a gente tá também, preservando a memória de Luiz Gonzaga e a musicalidade que ele deixou pra essa... pra esses ritmos, e aí entra o xote, entra o baião, entra a marcha, tudo no mesmo nível de igualdade, porque foram todos ritmos fortes que ele criou e que a gente vê forte hoje, dentro é... das manifestações, e a gente, enquanto museu, tem que preservar essa memória. (Cleonice Maria)

José Mauro refere que “a preservação é [realizada] através de técnicas de conservação de acervo”. Para ele, o museu é a própria expressão de Gonzaga e mostra um Gonzaga vivo, apresentando ao mundo os aspectos que nortearam a vida do rei e a sua importância para a cultura mundial. Além disso, mostra, em várias passagens, os objetivos do museu: “pesquisar, preservar e difundir” a vida e a obra de Gonzaga, considerado um artista muito completo.

Visto isso, os dirigentes consideram que a preservação cultural é de extrema importância, para a obra de Gonzaga continuar se expandindo pelo mundo.

O PAPEL DOS MUSEUS

É interessante entendermos o que os museus fazem no processo de preservação, na perspectiva de contribuir para essa cultura das danças regionais. Perguntamos: de que forma o museu tem contribuído no processo de expansão e preservação do xote, xaxado e baião?

Cleonice Maria enfatiza uma das preocupações do museu: “a gente também se preocupa muito com isso, que é a formação de quem vem pra cá: quem vem buscar história, ele sair com a... a informação do que ele veio atrás”. Referindo-se às escolas, universidades, pesquisadores e visitantes que se dirigem ao museu, Cleonice Maria diz:

o Museu do Cangaço tem esse trabalho, é... não só de preservar mas de difundir, que é mais importante, não adianta eu preservar e ninguém ter acesso porque você tem que preservar e difundir, você tem que fazer por que mais e mais, e mais pessoas tenham acesso a esses, a esses equipamentos né? (Cleonice Maria)

A relação entre as danças dos “cabras” de Lampião e Gonzaga é uma afirmação definitiva, os primeiros consolidaram o xaxado no sertão nordestino, o segundo trouxe as danças para os salões e expandiu-as pelo país, ou seja, “quem deu a identidade musical do xaxado foi Luiz Gonzaga” (Cleonice Maria). Um legado que continua sendo difundido pelo Museu do Cangaço, sobretudo, através do grupo Cabras de Lampião.

Na fala de José Mauro: “qual é o papel do Memorial? Pesquisar, ir atrás. Preservar, salvaguarda de acervo e difundir, espalhar o legado de Luiz Gonzaga. (...) Tem a missão de pesquisar, preservar e difundir o legado de Luiz Gonzaga – o Rei do Baião”. Sobre a difusão da cultura, ele considera:

através dos trabalhos públicos do Memorial, não é só a questão de se abrir a porta para uma visita, uma mediação básica. Nós temos também um trabalho mais profundo, onde o pesquisador pode agendar e consultar o acervo. (...) Então, a difusão também dá-se através de oficinas, de palestras, de exposição itinerante, os eventos festivos que a gente promove aqui no Pátio São Pedro. (José Mauro)

Nesse mesmo trabalho, o Parque Aza Branca busca:

preservar essa cultura de Luiz Gonzaga, sobretudo, a música e a dança é... trazendo sempre pessoas para o Parque, promovendo festas que é onde as pessoas participam e a predominância é do forró, trazendo artistas, seguidores de Luiz Gonzaga pra fortalecer o forró diante das pessoas que estão lá. (Clemilce Cardoso)

Clemilce Cardoso entende que “participando dessa festa e... levando de volta aquilo que aprenderam aqui, né, promove esse intercâmbio cultural da música de Luiz Gonzaga”.

Clemilce Cardoso considera que a principal forma para manter viva a história e a produção do “rei do baião” é através da música, das festas, da dança e passar para os mais novos a importância desta cultura: “a gente tem como princípio que no Parque Aza Branca não toca outras músicas, só forró, e só recebe lá, forrozeiros. Isso não é nem uma discriminação com ninguém é apenas pra retroalimentar o forró implantado por Luiz Gonzaga”. Percebe-se que cada um dos museus, à sua maneira, realiza tarefas na tentativa de salvaguardar esse patrimônio.

CONTRIBUIÇÃO DO ESTADO

Percebida a necessidade de preservação nas falas dos entrevistados, vimos quão árdua e ao mesmo tempo satisfatória é essa busca. Encontramos nos seus relatos uma cobrança de investimento mais assíduo por parte do Estado enquanto entidade política, seja na esfera municipal, estadual ou federal. Nas palavras de Cleonice Maria: “acho o estado um descaso no que se refere ao nosso patrimônio, nossa memória”, “o poder público, infelizmente, ele não contribui pra que a memória do nosso país seja preservada”. “Então, isso tem que ser sempre registrado, essa ausência do Estado com a memória brasileira”.

Nestas e noutras falas, a entrevistada critica severamente o poder público por conta do descaso para com a cultura brasileira, sobretudo no que diz respeito à preservação. Além de falar sobre as dificuldades de manter viva a memória de personalidades que ela descreve durante toda a entrevista como “mitos” do Brasil, dentre os quais, o destaque para Luiz Gonzaga e Lampião.

Clemilce Cardoso retrata a situação no Museu do Gonzagão: “o Estado tem contribuído muito pouco, nada. Nesses últimos seis anos, o Estado não contribuiu com nada no Parque Aza Branca”. Reforça:

aliás, eles num se interessam nem de saber se o museu existe mais, se tem alguma coisa lá pra fazer, porque nós já recorremos, nós vivemos assim um momento de dificuldades, e já recorremos mil vezes e num dão resposta, não se pronunciam. (Clemilce Cardoso)

Mais uma vez a entrevistada retoma a questão da não participação do Estado na preservação da cultura. Para a conservação do museu, os integrantes usam da criatividade para preservar e difundir a história de Gonzaga e sua importância para o Nordeste e para a cultura brasileira: “estamos levando com muita dificuldade, mas, graças a Deus, tá... tá se sustentando” (Clemilce Cardoso). A entrevistada fala das dificuldades que é manter o Museu do Gonzagão funcionando, em função da falta de interesse do poder público. Essa crítica também foi ressaltada por Cleonice Maria, do Museu do Cangaço de Serra Talhada. Apesar disso, ela compreende que a principal preocupação é “preservar a cultura” e a não deixar morrer.

Já com o Memorial Luiz Gonzaga acontece diferente, uma vez que o equipamento é subsidiado pela Secretaria de Cultura da capital do Estado de Pernambuco (Recife) que dá suporte ao mesmo. Segundo José Mauro, o papel da prefeitura consiste em “manter o equipamento, a infraestrutura, a promoção do equipamento”.

Memorial Luiz Gonzaga é o Estado, é o município, representado através desse trabalho público desenvolvido pelo equipamento. Então é isso que a gente vem desenvolvendo, é que o equipamento vem desenvolvendo, então é esse o grande trabalho, que nasceu, essa é a grande função pra que obra ele foi criado. (José Mauro)

A função está na manutenção da vida do artista – Luiz Gonzaga. Ou seja, buscando mostrar para o mundo quem foi o rei da música nordestina, José Mauro explica que, para ele e para o museu, “essa é a grande função para que ele foi criado”.

DESAFIOS

É comum aos entrevistados o discurso sobre os obstáculos encontrados da lida diária dos museus, sendo preocupação constante o futuro desses espaços.

E aí, é... seria... muito... muito milagre né, mas seria muito bom que a gente tivesse o olhar do Estado mais preocupado com isso daí, porque, realmente, deixa a gente, vamos dizer, um pouco sem estímulo. (...) O nosso patrimônio pode acabar logo, logo, porque não tem uma preocupação né, de é... do poder público com ele. (Cleonice Maria)

Mostrando a importância de manter viva a memória de Lampião e Luiz Gonzaga, a entrevistada propõe uma luta constante: a de repassar sem descanso para todas as gerações a mensagem criada por esses grandes sertanejos pernambucanos. Nesse mesmo contexto:

eu acho que os desafios maiores são falta de... são a falta de divulgação. A gente não tem, divulgar é caro, custa caro, nós não temos como fazer divulgação, porque a gente não tem recurso pra divulgação. (...) é falta de recurso, recurso pra tudo, pra sustentar o Museu, pra promover a... as festividades, pra fazer aquilo que a gente gostaria de fazer como promoção cultural e pra divulgar, que podia ser divulgado através de rádio, de televisão, mas a gente não tem como divulgar porque a gente não tem recurso pra isso. (Clemilce Cardoso)

A entrevistada reitera a garra para continuar expandindo a memória de Luiz Gonzaga. Para ela, o mais importante, além de superar dificuldades, é fazer com que essa história continue se perpetuando. Nesse aspecto, a entidade busca meios de fazer com que o Estado se sensibilize que esta é uma luta de todos, e o poder público não pode se furtar a encampar sua permanência: “nós não sabemos como será, até onde vai nossa condição de manter com esse recurso que a gente arrecada dos turistas, que as coisas estão cada dia mais difíceis, e a gente tem uma preocupação constante nesse sentido” (Clemilce Cardoso).

Apontamos a fala de José Mauro neste quesito: “o desafio maior talvez seja a manutenção, mas a gente consegue sempre. A Fundação sempre tá fazendo manutenção. Eu não vejo desafio assim pra o legado de Luiz Gonzaga, sabe?”. Ao analisarmos o excerto, percebemos que esta talvez seja uma das situações mais confortáveis dentre os museus visitados.

CONCLUSÕES

Nos museus visitados encontramos a representatividade dos ritmos nos materiais arquivados neles. A análise documental nos fez perceber que Gonzaga foi um relevante personagem para a elaboração da cultura nordestina, especificamente, a partir das danças sertanejas. Nós procuramos analisar estes documentos e perceber o que continha neles que nos auxiliasse a entender como ocorreu essa participação de Gonzaga.

Dentre os materiais dispostos, analisamos o da exposição permanente, os recortes jornalísticos arquivados, os arquivos digitais (vídeos e fotos), o acervo fonográfico, dentre outros elementos. Desse modo consideramos que Gonzaga quando esteve no auge da sua carreira, usou de sua influência para ganhar adeptos aos ritmos, sobretudo o xote, o xaxado e o baião, que são os ritmos elencados para esta análise. Os documentos analisados imprimem a imagem de um Gonzaga “professor” dos ritmos, onde literalmente pratica os passos, inclusive incrementando-os e levando-os por onde passava para apresentá-los para todo o Brasil. Imagens, filmes, vídeos e recortes são dispostos no decorrer do trabalho, demonstrando efetivamente essa questão. Desse modo, percebemos que os museus cumprem uma função pedagógica no ensino destas danças e se tornam importantes elementos de pesquisa e compreensão para os ritmos supracitados.

Noutro momento, analisando as falas dos dirigentes dos museus, concluímos que Gonzaga é um ser digno de representatividade mediante o seu trabalho. Percebemos que os museus têm tentado a todo custo manter viva a obra de Gonzaga com seu trabalho de preservação, embora muito ainda precise ser feito, dado que, na maioria dos museus, o Estado tem se mantido omissos nessa questão. Mesmo assim os museus promovem oficinas, palestras e ações que proporcionam maior divulgação do legado de Gonzaga, cumprindo o papel de perpetuar a prática das danças através do ensino e divulgação das mesmas.

No tocante à preservação histórica do legado de Gonzaga, percebemos que os museus possuem em seu acervo um rico contingente de material de acesso à história. Retratar o que foi encontrado neles sobre estas práticas e por fim analisamos o relato dos seus dirigentes. Cada museu, à sua maneira, estabelece diretrizes de trabalho de preservação, porém comungam num objetivo: a manutenção do legado de Gonzaga que resguarda esse aparato cultural das raízes nordestinas no que concerne aos ritmos sertanejos que ocorrem na sociedade.

Gonzaga foi um personagem peculiar da cultura nordestina, fazendo-se realmente necessária essa preservação para que as futuras gerações compartilhem desses ensinamentos. O xote, o xaxado e o baião têm laços extremamente fortes com Gonzaga. Os museus visitados, cumprindo o papel de preservação da memória de Luiz Gonzaga refletem a ideia do protagonismo dele junto às danças regionais. Seus arquivos guardam a história de Gonzaga e seu envolvimento com as danças. Vemos no material analisado que no decorrer de sua trajetória este se dedica a difundir uma cultura das danças regionais que até então o restante do país desconhecia. A partir de Gonzaga, o xote, xaxado e baião passam a ser conhecidos, praticados e apreciados pelo Brasil e também por muitos países do mundo. Através de suas letras, apresentações e dos conteúdos dos museus preocupados com a perpetuação da sua memória, o “rei do baião” ensina ao público as danças que o consagraram.

REFERÊNCIAS

- A obra do músico que ensinou os brasileiros como se dança o baião (1999, 07 de agosto). *Diário de Pernambuco*.
- Arlégo, E. (2012). *Luiz Gonzaga: centenário do Rei do Baião*. Recife: Edições Edificantes.
- Bernardes, D. M. (2007). Notas sobre a formação social do Nordeste. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 71, 41-79. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000200003>
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Brasileiro, L. T. (2010). A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. *Pro-Posições*, 21(3), 135-153. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300009>
- Carvalho, A. T. (Realizador). (1957). *Hoje o galo sou eu* [Filme]. Brasil: TV Tupi.
- Como criei o baião (1975). *Jornal da Cidade*.

- Dreyfus, D. (2012). *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Editora 34.
- Encontro musical cria baião dos dois: Zédantas e Gonzagão (1988, 08 de agosto). *Diário de Pernambuco*.
- Gonzaga, L. & Dantas, Z. (1954). Olha a pisada. In *A história do Nordeste* [78 RPM]. Rio de Janeiro: RCA Victor.
- Lança, M. (2019, 14 de janeiro). Aquilo que existe nos museus e nos arquivos pode ser dito de outra maneira, conversa com António Camões Gouveia. *Buala*. Retirado de <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/aquilo-que-existe-nos-museus-e-nos-arquivos-pode-ser-dito-de-outra-maneira-conversa-c>
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Melo, V. A, Drumond, M., Fortes, R. & Santos, J. M. C. M. (2013). *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Nasce o Xaxá (1952, 14 de junho). *Revista Cruzeiro*.
- Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard.
- Padilha M. I., Bellaguarda, M. L. R., Nelson, S., Maia, A. R. G. & Costa, R. (2017). O uso das fontes na condução da pesquisa histórica. *Texto Contexto Enfermagem*, 26, 2-10. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017002760017>
- Pimentel, I. (2013, 20 de fevereiro). Será que a História nos pode fornecer algo de preventivo e “anular o destino”? [Post em blogue]. Retirado de <http://irenepimentel.blogspot.com/2013/02/sera-que-historia-nos-pode-fornecer.html>
- Pinto, S. L. A. (2013). Museu e arquivo como lugares de memória. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 11, 89-102. <https://doi.org/10.26512/museologia.v2i3.16689>
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. Retirado de http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf
- Russi, A. & Abreu, R. (2019). “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *Horizontes Antropológicos*, 25(53), 17-46. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100002>
- Sá, S. (1978). *O sanfoneiro do riacho do Brígida: vida e andanças de Luiz Gonzaga – Rei do Baião*. Brasília: Thesaurus.
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, C. L. (2009). *Entre a cruz e o punhal: a dialética histórica do rei do cangaço*. Serra Talhada-PE: Esdras Graphic.
- Thomas, J. R., Nelson, J. K. & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed.

NOTA BIOGRÁFICAS

Carla Almeida é professora do Departamento de Educação Física da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada – Autarquia Educacional de Serra Talhada – AESET, Mestre pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8560-5348>
Email: carla.evilane@hotmail.com
Morada: Rua Vicente Saraiva, 230, Centro Exu-PE-Brasil

Bruno Abrahão é doutor (2010), em Educação Física pela Universidade Gama Filho. É Professor Adjunto do Departamento de Educação Física, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Leciona e orienta no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA na linha de pesquisa Lazer, Cultura Corporal e Educação. É um dos coordenadores do grupo de pesquisa CORPO Cotidiano Resgate Pesquisa e Orientação da UFBA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0155-8500>
Email: bruno.abrahaio@ufba.br
Morada: Av. Reitor Miguel Calmon, s/n – Vale do Canela, Salvador - BA, 40110-100

Francisco Caldas é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, é mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É membro do grupo de pesquisa CORPO Cotidiano Resgate Pesquisa e Orientação da UFBA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5542-2436>
Email: demetriuscaldas@hotmail.com
Morada: Rua 43 nº 50, Jatobá, Petrolina-PE - Brasil

Submetido: 20/05/2020

Aceite: 08/09/2020